

C. S. D. P.
DUPLICATA



SUPLEMENTO

ESTRÉA DE 1933

Pensar bem de todos
Falar bem de todos
Fazer bem a todos

CARTA DO REVMO. SNR.

SUPERIOR GERAL

Escolas Profissionais do Liceu Coração de Jesus
Alam. Barão de Piracicaba, 48
S. Paulo

Turim, 24 de março de 1933

Caríssimos filhos em Jesus Cristo.

«Quando numa Comunidade Religiosa reina o amor fraterno, e todos os sócios se amam reciprocamente, e cada um goza do bem do outro, como se fôra seu, tal casa torna-se um Paraíso e verifica-se a justeza das palavras do profeta Davi: Oh, que bôa e doce coisa é estarem os irmãos sempre unidos!». Essas palavras do Bemaventurado D. Bosco, filhos caríssimos, bem conhecidas por vós são tão belas, que me induziram a entreter-me convosco sôbre êsse assunto, pois desejo ajudar-vos a fazer de cada uma de nossas casas um verdadeiro Paraíso, qual está aqui descrito. Com isso, outra coisa não faço, senão seguir as pégadas de nosso Pai e de seus sucessores. Espero que também as minhas palavras vos sejam agradáveis e não fiquem infrutuosas.

* * *

A vida cristã e religiosa é toda repassada de amor e caridade. Em tal ambiente desejava D. Bosco, se desenvolvesse, serena, a operosidade de seus filhos em promover a salvação das almas. Isso tinha Êle em mira quando se esforçava para estabelecer e manter entre nós a vida de família.

Ao dar-vos as lembranças dos Exercícios Espirituais e, mais tarde, ao mandar-vos a *Estréia* tradicional, foi justamente minha intenção fazer convergir a atenção e esforços de todos ao estudo e á prática dêste ponto que deve ser a alma-da vida cristã, religiosa e salesiana.

Deixai, portanto, que agora, á maneira de comentário da *Estréa*, vos dirija de novo a palavra em cordial familiaridade, como convém entre pai e filhos, na intimidade da familia.

* * *

Deus, autor e fonte da vida natural e sobrenatural é amor, é caridade. Vida de amor, por conseguinte, há de ser a dos verdadeiros filhos de Deus nesta terra. Não me detenho em demonstrar-vos a necessidade e beleza da rainha das virtudes. E' sufficiente recordar o elogio que dela faz o Apóstolo do amor, quando, movido por suprema inspiração, nos diz que: *Deus é caridade*. «Breve, mas grande é êsse louvor», diz Sto. Agostinho. Com a caridade possuiremos tudo, porque nada falta a quem possui a Deus, ao passo que, segundo a palavra do Apóstolo, *embora falássemos as línguas dos anjos, tivéssemos o dom de profecia, déssemos todos os nossos bens aos pobres e nosso corpo ás chamas, sem a caridade, disso não tiraríamos proveito algum e nada seríamos*. A caridade é o *preceito de Deus*, é o *mandamento novo*, é a *plenitude da lei*, o *vínculo de ouro que estreita juntamente todas as virtudes* que formam a *perfeição*. Com razão se disse que «onde há caridade nada falta, e, ao invés, onde ela não está, falta tudo».

Nela consiste toda a vida cristã, que outra coisa não é senão a vida de Jesus em nós. Os cristãos não só têm o nome de Jesus, mas com Êle foram *juntamente sepultados* e com Êle *ressuscitaram*. Foram por Êle chamados á *plenitude de sua vida*, nêle *incorporados*, são *seus membros*, com Êle formam *um só corpo* místico. Não somos mais nós que vivemos, devemos dizer com S. Paulo, *mas é Jesus que em nós vive; com Êle existimos e nos movemos, participantes da sua natureza*. Ora, a vida de Jesus é caridade, é a plenitude do amor, e nessa unidade de amor deve desenvolver-se toda a verdadeira vida cristã.

Nós, porém, não só fomos chamados á vida cristã, que tende á perfeição da caridade seguindo a via dos preceitos, mas á vida religiosa, mais *árdua* e de maior mérito, a qual galga os vértices do amor pelas alcantiladas sendas dos conselhos. Ora bem, a vida religiosa que, como ensina S. Lourenço Justiniano, é, «depois do batismo, a maior graça que Deus póde outorgar a uma alma», não

é senão «o ardor, o esforço indefesso para alcançar a plenitude da caridade».

Como Salesianos, porem, não nos devemos esquecer que S. Francisco de Sales, que D. Bosco nos propôs como modelo, para dêle copiarmos as virtudes e perpetuarmos o espírito, é o Santo da caridade, da doçura, do amor. Ele não se contenta com exterioridades, mas quer a virtude que é força e esforço; quer a rainha das virtudes, a qual tem o qualificativo de *forte como a morte*. Estava convencido de que tudo é possível para uma alma inflamada dos purísimos ardores do amor. Isso é que nos explica a operosidade incansável e prodigiosa eficácia do Bem-aventurado D. Bosco, que quis a caridade como norma constante do próprio operar, base do seu sistema pedagógico, alma do seu apostolado. Adverte-nos que sem ela, não seremos nunca educadores segundo seu coração. Chamados, portanto, para seguir as pégadas gloriosas de nosso Pai, frisemos os meios para consegui-lo. A vossa piedade os conhece e pratica; proponho-me a explicar-vos alguns que a *Estréa* oportunamente nos sugere.

PENSAR BEM DE TODOS

Ela nos exorta em primeiro lugar a «pensar bem de todos».

Pensar, aqui, é usar bem da mente em formular juízos á cêrca do proximo. Difícil, ou antes, tremenda coisa é essa de julgar. Porque, antes de tudo, a inteligência, que é a faculdade chamada para julgar, recebeu no pecado de origem uma dúplice ferida que a induz a errar na pesquisa da verdade e no conhecimento do que é lícito ou ilícito. E' sumamente difícil penetrar na alma do próximo e investigar suas intenções.

E, todavia, não se póde julgar retamente sem um exato e total conhecimento das coisas.

«Só Deus póde julgar, dizia Santo Agostinho, porque só Ele lê no mais íntimo dos corações». Por isso, acrescenta S. Boaventura, «é vício deplorável o de querer julgar as intenções que só são conhecidas de Deus», ninguém póde julgar daquilo que ignora.

«E' imprudência, é temeridade, é arrogância», é verdadeira loucura, dizem em côro os Padres, querer julgar sem a guia da razão e conhecimento das coisas. «Entretanto, pondera Sto. Antonino, quasi ninguém anda isento dêsse vício: o sacerdote, o religioso, o

leigo, o superior e súbdito, todos estão por êle manchados», porque infelizmente «estamos mais inclinados a censurar os defeitos alheios que não os nossos».

E *quem és tu*, grita o Apóstolo, *quem és tu que julgas a teu irmão?* Recorda, que *Deus é quem julga*: Jesus é que *foi constituido juiz*: não sejas temerário a ponto de te colocares em seu lugar, usurpando-lhe a dignidade e poderes».

Se estás possuido pela paixão de julgar, *julga-te a ti mesmo*: com isso farás um ato de verdadeira humildade, ao passo que é próprio de petulante constituir-se juiz dos outros.

Portanto, quando não fôrmos chamados para julgar, abste-nhamo-nos de fazê-lo. Lembremo-nos de que Deus *mandou o seu Divino Filho não para julgar o mundo, mas para salvá-lo e não merecemos desculpa* quando assim fazemos porque, no ato de julgar os outros condenamo-nos a nós mesmos, e de fato a experiência nos avisa de que caímos nas mesmas faltas.

E' tão detestável êste vício que S. João Crisóstomo o compara com o vil mistér de desentupir cloacas e de pôr á mostra a sua sordidez. São Gregório Magno observa que há tamanho perigo nêsse ato, que «o homem, enquanto se afadiga em julgar as misérias alheias, acaba por perder o bem da intelligência».

Ao contrário, como conforta ao pensar que *se não julgamos*, ou se em vez de julgar os outros, *julgarmos a nós mesmos, evitaremos os juizos de Deus*. «Essa é a verdadeira sabedoria, diz S. Bernardo; êsse é o trabalho util que traz frutos abundantes de salvação, ao passo que, julgando os outros, sôbre malbaratar fadigas, muita vez erramos e facilmente pecamos».

* * *

E quando é nosso dever julgar, façamo-lo com trepidação, atentando que «*somos homens, inclinados ao êrro*». Sobretudo então devemos ter a coragem de dobrar-nos sôbre nós mesmos, afim de pôr á vista os nossos inúmeros defeitos e a falta de tantas virtudes. Além disso, sirva-nos de guia a máxima ponderação; examinemos, estudemos, pesemos bem as coisas. Escutemos os dois sinos, como tanto recomendava D. Bosco. «Corre doidamente para a morte aquele que é precipitado em seus juizos», diz S. Bernardo. Quando não há

provas ou indícios seguros, não se venha a formular juízos de condenação.

O que, porém, mais devemos tomar a peito é que nenhum juízo nosso esteja separado da caridade. Exhorta-nos S. Francisco de Sales a que não condescendamos, nem de modo algum folgemos com o mal, mas quer que tenhamos medo de encontrá-lo e sintamos prazer quando não no achamos.

E' bem verdade: quem foi chamado para julgar deve *amar a justiça* e ater-se aos seus ditames. Mas a justiça não é aspereza, não é rigor, não é condescendência com o mal, nem paixão de vingança. Ela é sobretudo verdade; a qual forma, por sua vez, a auréola mais graciosa da caridade.

Se eu julgo, diz o Senhor, *é verdadeiro o meu juízo*. Queira o Céu, se possa afirmar o mesmo á cêrca dos nossos juízos. Não aconteça que outros possam dizer que julgamos inconsideradamente, dando como certo o que é incerto, por mau o que é bom, porque estamos cegados pela paixão, por sermos pouco serenos, vítimas da precipitação e do conhecimento imperfeito dos fatos. Para formularmos aquelle *juízo justo*, inculcado por S. João, devemos fazer esforços para não nos desviarmos nem sequer um pouquinho, não permittir nem mesmo de longe nenhuma acepção de pessoas.

Estejamos atentos com as insinuações que S. Bernardo compara com uma turba de vis que invadem o átrio da casa. «Não falte nunca o porteiro vigilante, isto é, o pensamento da nossa profissão», diz o Santo. Somos religiosos, sacerdotes talvez, não aconteça que um servo de Jesus Cristo, um discípulo e ministro seu, dê acolhimento, por um momento embora, em sua mente, ás perversas insinuações.

* * *

Perfume da caridade é a bondade. Ela exclue aquilo que o nosso S. Francisco de Sales chama «amargura de coração». Na sua *Filotéa* chama-nos á mente o profeta Amós, o qual invetivava contra Israel, porque tinha convertido o proprio juízo em absintio. Contra o nefasto narcótico do orgulho, da inveja, da ambição, do ódio que obnubila e avenena a inteligência e o coração, de modo que não deixa perceber nas pessoas e coisas senão o lado piór e motivos de censura, o nosso Patrono sugere, como contra-veneno, o sagrado vinho da caridade. Bebido a largos haustos, livra-nos dos

germes e maus humores que nos induzem a cair em juízos injustos. «A caridade, continua o Santo, é o grande remédio para todos os males, mas especialmente para este. Os olhos dos ictericos vêm tudo amarelo. O pecado de juízo temerário é uma icterícia espiritual que tudo faz parecer mau aos olhos dos que dela são vítimas». Contra essa doença não há remédio mais eficaz do que a caridade. Ela purifica os afetos do coração e restitue a clareza á intelligência.

* * *

Alguém poderia dizer: Mas quando o mal é notório, como fazer para pensar bem de todos?

O nosso doce Protetor indica-nos também o modo de proceder no caso. Ele quer que especialmente nessa occasião procedamos com a máxima caridade. E com a intenção de nos tornar mais cautelosos, insiste em que cuidemos de nós, pensando em nossas faltas.

Se, todavia, em face da realidade, não pudermos negar o fato, desculpemos ao menos a intenção. S. Bernardo apresenta-nos meios práticos para tal fim. «Pensemos, por exemplo, que a queda foi casual, por ignorância ou surpresa, devida mais á violência de paixão que a outro motivo». Outro meio utilíssimo é refletir que quanto fez hoje nosso irmão, fa-lo-emos, talvez nós, e piór, amanhã, com a agravante de não nos arrependermos e levantar; ao passo que isso fez, de modo edificante, aquele a quem julgamos duramente.

Quanto ganharia com isso a vida de comunidade se soubéssemos pensar de todos, sem exceção, com essa nobreza de sentimentos. Oíçamos, pois, o conselho de S. Paulo aos Romanos: *Não nos julguemos mais uns aos outros*. «Não roubemos ao Senhor, esta sua prerogativa», pois Ele o fará a seu tempo. Ele veio ao mundo como Salvador e Juiz, mas dèsses dois ofícios só cumpriu o primeiro, enquanto vivia entre nós. O segundo, Ele o cumprirá, no esplendor de sua omnipotência, quando chamar todos ao juízo final. Como pois haveremos nós de julgar a todo tempo? Além disso, tendo nós tantos motivos para examinar e corrigir a nós mesmos, como pretendemos julgar os outros? Recolhamo-nos, portanto, dentro de nós, diz Sto. Agostinho, para vêr que lugar ocupa a caridade em nosso coração. Quando um grãozinho de areia nos entra no ôlho, não temos mais paz: no entanto, em nossa mente, em nosso coração regorgitam tantos pensamentos contrários á caridade e vivemos numa falsa tran-

quilidade. O inimigo está na fortaleza da alma e nos embalamos em uma segurança inconciente. *Temos a trave em nosso ôlho e não podemos sofrer o argueiro no do irmão.*

Jesus pergunta á adúltera: — *Ninguém te condenou?* — *Ninguém, Senhor,* responde ela. — *Pois bem,* acrescenta Jesus *nem eu te condeno.* — E ousaremos nós julgar e condenar a nosso irmão?

Façamos aos outros aquilo que queremos se nos faça a nós: teremos então aquele pensamento e olhar puro que vê tudo na luz de Deus, Caridade infinita, e dêle mereceremos as bênçãos para o nosso apostolado.

* * *

FALAR BEM DE TODOS

A prática da primeira parte da *Estréia* traz consigo, como consequência natural, a prática da segunda.

De fato, a palavra é chamada veste do pensamento, «e dêle é como que o sinal sensível». Diz Sto. Agostinho: «Se quiseses conhecer o pensamento, a alma de um homem, escuta-lhe a palavra», tão íntimo e lógico é o nexo entre esta e aquela. S. Boaventura exprime o mesmo conceito com uma bela comparação: «Como as diversas linguas nos fazem conhecer a nacionalidade dos indivíduos, assim também a palavra nos revela a bondade ou maldade de sua alma». De modo que a lingua com muita razão é considerada «porta da mente», pois nos permite penetrar no coração do próximo para examinar o que nêle está escondido.

Na Sagrada Escritura se fala de *pensamentos do coração*: *do coração saem os maus pensamentos. Como podereis falar bem, vós que sois perversos? A lingua fala do que vai no coração*, dizia Jesus aos fariseus. Podemos, pois, concluir com S. João Crisóstomo que «a lingua, põe em claro o que cada um é», e «de nosso interior saem as ações boas ou más, como de palácio os enviados do imperador». «O pensamento é o germe, o procriador da ação».

Eis mais um motivo para insistir sôbre a santificação de nossos pensamentos, afim de que sejam santas as nossas palavras. Recordai, grita S. Bernardo, que «um discurso vão é indício de uma vã consciência».



A palavra tem a lingua como instrumento natural. Sto. Agostinho chama-a «obra de Deus», mas ajunta logo que «dessa bôa obra se faz infelizmente, mau uso».

Invade-nos um sentimento de pesar ao lêr o que a Sagrada Escripura e os Santos Padres disseram da lingua.

Não são excessivos os elogios. A lingua do sábio é comparada com a *saude*, a do pacífico com a *arvore da vida*, e a lingua do justo com a *prata depurada*.

Muitas, ao invés, são as palavras de fogo, os anátemas contra ela.

E' uma pequena parte do nosso corpo diz S. Tiago, mas em compensação é um grande mal. Recebe os nomes de veneno de áspide; espada aguda, de dois, ou melhor, de três gumes; centelha que incendia uma grande floresta; fogo devorador, fornalha sempre acesa; víbora ferocíssima; tição que enxovalha todo candor, instrumento de morte, um mundo de iniquidades, o inferno que se derrama sobre a pobre humanidade. Se alguém, diz S. Tiago, crê ser religioso e não refreia sua lingua, fique sabendo que é vã a sua religião.

Não é para admirar se, com outras tantas palavras de fogo, se enumeram e condenam os males provenientes da lingua.

«A lingua sem osso esmigalha o dorso», diz S. Pedro Damião. «Lambe com a adulação, morde com a detração, abate com a mentira. Afasta os amigos, multiplica os inimigos, suscita rixas, semeia discórdias». «Como espada letal prostra e transpassa a muitos de um só golpe», é mais temível do que a espada, que transpassa o corpo, pois ela dá a morte á mesma alma».

S. Tiago, após ter dito que *quem não peca na palavra é homem perfeito e pôde refrear todo o corpo*, acrescenta: *Pomos freio na bôca dos cavalos; todas as espécies de alimárias, de pássaros, serpentes e de outros animais se domam e o homem as tem domado a todas: a lingua porém nenhum homem a pôde domar; ela é um mal que não se consegue refrear.*

«Liga tudo, diz S. Bernardo, e não pôde ser ligada». «E' mais fácil, apoderar-se de uma fortaleza que não da lingua», «mais facilmente se doma um leão do que a palavra».

* * *

De tudo isso devemos deduzir que a língua, instrumento da palavra, é de uso difícil e perigoso e é mistér usá-la com a máxima cautela. Para habitar-nos a essa cautela o meio mais recomendado e exaltado pelos Santos é a observância do silêncio, o qual consiste, não em nunca falar, mas em saber calar.

O nosso S. Francisco de Sales chama «o silêncio, escola de perfeição». A Sórora Simpliciana que lhe dizia ingenuamente». Se fosse freira, que faria V. Excia. para chegar o mais breve possível á perfeição? — o Santo respondeu sorrindo: — 1.º Havia de praticar as coisas pequenas; 2.º observaria o silêncio: falaria só quando o exige a caridade, e então falaria baixinho, evitando fazer rumor com as portas e passos; 3.º esforçar-me-ia por viver unido a Jesus.

Os fundadores de Ordens Religiosas consideram o silêncio como pedra de toque para distinguir uma Comunidade observante de outra em que não esteja em vigor a observância, e como meio eficaz para restabelecê-la. O nosso Bem-aventurado D. Bosco nos inculca o silêncio principalmente quando trata da castidade, como para nos dizer que o silêncio é o escudo desta virtude.

«Foge, cala, vive recolhido», disse o anjo a Sto. Arsênio, ao traçar-lhe o caminho da perfeição. Só quando nos calamos é que estamos em condições de ouvir o que Sto. Agostinho chama «sussurro da voz divina», então sómente aprenderemos a falar com Deus, a orar.

Isso repetira frequentemente o grande mestre de perfeição que foi S. João da Cruz, o qual dizia: «O meio mais seguro para chegar um a saber falar com Deus é falar pouco com os homens». O silêncio é uma oração preciosa, mas muito desconhecida. Se os homens lhe conhecessem a eficácia, de seus lábios sairiam as palavras com a mesma dificuldade com que saem as moedas do bolso do avaro. Não são os pecados de língua que com maior frequência devemos depôr aos pés do confessor, e que, todas as noites, no exame de consciência, nos oferecem ocasião de rubor e pena? Lê-se do mesmo S. João da Cruz que ás vezes se internava nas gargantas dos montes a falar com as rochas, e explicava o motivo: «Assim tenho menos matéria para dizer em confissão, do que quando falo com os homens».

O nosso Santo Patrono dizia lepidamente que «para evitar os pecados de lingua devemos ter a bôca abotoada, de maneira que, enquanto a desabotoamos, temos tempo de pensar o que se deve dizer». O Bem-aventurado D. Bosco e o venerando D. Rua deixavam entre as lembranças dos Exercícios Espirituais, não só os botões de S. Francisco de Sales, mas ainda o cadeado que deve trancar nossos lábios. Não há quem lhes não reconheça a profunda sabedoria.

O silêncio, além disso, é exaltado com os mais amplos elogios pela Sagrada Escritura e pelos Santos.

O homem prudente calará. Seja o homem pronto para escutar, tardo no falar. Não sejas precipitado em teu falar; sejam poucas as tuas palavras. Até o insensato passará por sábio, se estiver calado e por inteligente, se cerrar seus lábios.

S. Bernardo, comentando essas palavras, acrescenta que «é muito mais difícil calar-se que falar», por isso recomendava a seus monges que «fugissem dos locutórios», onde corriam o perigo indicado por S. Paulo, *de ser seduzidos por palavras vãs*. Dizia S. Boaventura: «O silêncio inflama-nos o coração com o amor de Deus e do próximo».

Nós, religiosos ou sacerdotes que fomos chamados ao apostolado das almas e que, talvez, imitando ao nosso Fundador, pedimos a Deus a eficácia da palavra, não esqueçamos o que nos recorda um filósofo pagão:

«Não saberemos falar enquanto não aprendemos a calar».

* * *

Mas nem sempre poderemos calar; a mesma Sabedoria nos diz que há *tempo de calar* e, semelhantemente, *tempo de falar*.

Precisamente aqui é que se encontram as maiores dificuldades. Como chegaremos a falar bem? Não vos desagrade que, como confirmação do que foi exposto até agora, vos torne a dizer que o primeiro meio para falar bem é falar pouco.

Primeiramente porque o Espirito Santo nos ensina que *onde muito se fala não falta a culpa e quem faz grande desperdício de palavras danifica a própria alma*. A experiência confirma estes ensinamentos. Quem é que não sabe que os palradores são semeadores de discór-

dias, chegando ás vezes a espalhar a *cizânia até entre os dirigentes?* «Estes desgraçados constituem um verdadeiro perigo, são um fermento terrível para as Comunidades».

Sabem por experiência os Superiores quão difficil é dirigir um tagarela, que de tudo pretende julgar e dar o *veredictum* de seu orgulho insipiente. E' fato provado: quem mais fala é quem menos faz. Nêsses individuos, diz o Espirito Santo, há *vacuidade, infecundidade*: são odres vazios.

Com razão advertia S. Bernardo que «a verbosidade, é semente que não dá fruto». A's vezes se procura a causa da esterilidade de alguns, que, agitando-se desordenadamente, parecem exercer um apostolado. Mas como poderá praticar boas obras o estulto incapaz de se calar? Como vai recolher frutos aquele que só semeia palavras inconsideradas, causa de lutas e discórdias? Não, não! As searas não lourejam no campo do linguaraz, pois nêle não desce a chuva fecundante de Deus, nem brilha o sol da divina caridade!

Os manipulos das boas obras não se guardam em casas sem porta nem janelas. Não é possível conservar o calor do amor divino na fornalha sempre aberta. E depois, a Sabedoria Eterna recorda que deveremos *prestar contas a Deus de qualquer palavra ociosa*. Ora, que contas se não deverão prestar de palavras que, não só não têm razão de ser, mas têm tantas de não ser?

Dirá alguém: Ora bolas! não será mais lícito dar dois dedinhos de prosa? tratando-se de conversações temperadas com o sal da caridade, nada há em contrário. Mas se uma conversa descamba em frivolidade, se alimenta de mexericos e póde facilmente degenerar em maledicência, como em geral acontece, então vem a talho a observação de S. Bernardo. «Não pensastes para que póde servir aquela hora que perdeis em palavras vãs? Éla póde servir para tempo de penitência de vossos pecados, para obter o perdão dêles, para adquirir graças, para aumentar os merecimentos e a glória do Céu».

* * *

Póde-se faltar á caridade não só com muito falar, senão e mais ainda com falar mal. Levaremos muito tempo se nos demo-

rassemos em estudar os diferentes modos de falar mal. Limitemo-nos a examinar os principais, começando da maledicência em geral.

Maledicência é dizer mal. S. João Crisostómo observa que «não há pecado mais grave e fácil de praticar que êsse.

De feito, para cometê-lo não há dificuldade nem de tempo, nem de dilação, nem de despesa ou preparação. Além da vontade basta a língua para cometê-lo».

Triste condição a nossa! «Deus pôs em nossos lábios unguentos preciosos e nós, á maneira de cadáveres, vomitamos podridão». As feras devoram a carniça, mas isso fazem impelidas pela fome». «O homem sem que ninguém o obrigue ou mova, morde, dilacera, devora o irmão». «O maldizente não poupa a ninguém», diz S. Bernardino. «Fére o amigo e o inimigo: não faz distinção de parentesco, de dignidade, de lugar ou tempo». S. Bernardo observa justamente que até os discordes são concordes em semear a discórdia e se irmanam e familiarizam quando se trata de espalhar a maledicência».

O maldizente, como a serpente, trama e trabalha nas moitas, *injecta o veneno no segredo*.

A's vezes a deslealdade do maledicente se mascara com a jovialidade e se acoberta com a caridade.

«Encontrou-se modo, diz Bourdaloue, de fazer em pedaços e enxovalhar o próximo, não já por meio do ódio ou cólera, mas por sentimento de piedade e glória de Deus». Adverte, porém, S. Francisco de Sales: «aqueles que falam mal, fazendo preâmbulos honoríficos ou intercalando frases gentis ou motes picantes, são os maldizentes mais finos e perigosos». Tomaseo compara os maldizentes «áqueles que andam a recolher a lã corroida pela sarna, lã que as ovelhas perdem ao passar pelos espinheiros dos caminhos onde erraram». Dessa bôrra de lã imunda é que gosta o maledicente. «Será tão belo o mal, continua Tomaseo, que mereça ser ajuntado, fiado, tecido e recamado com tanto carinho?». Ah não, não é com tal fio que se tecem os hábitos da virtude!

* * *

Que dizer, então, se os maldizentes não são simples cristãos, mas religiosos e sacerdotes? «Que reprovável e fátua incongruência, exclama S. Jerónimo, termos a ilusão de estar encerrados no claus-

tro e depois divagar com a lingua pela face da terra!» Se fôra para salvar... mas é para dilacerar as almas!

Diz S. Bernardo: «Para que tantas penitências e mortificações todos os dias, se caímos no mesmo defeito dos seculares, se nós também somos maldizentes? Não havia, acaso, caminho mais cômodo para lançar-nos no inferno? Ah, eu não sei, continua o Santo, com que consciência pôde o monge orar a Deus com a mesma lingua que mente, maldiz, murmura». Meu Deus!

Estraça-se o Corpo místico de Jesus Cristo com a lingua irrorada de fresco em seu Sangue! «Não, não, — grita S. João Crisóstomo, quem fala a linguagem do diabo, do diabo tem a lingua».

Essas palavras tremendas devem inspirar-nos temor salutar.

Não permita Deus, ressôe um dia a linguagem de satanás, nem que um filho de D. Bosco tenha a lingua maléfica do demônio. Não aconteça que haja Deus de dirigir a alguma Comunidade nossa, como a Israel, as terríveis palavras, mensageiras de maldição e castigo: «*Até quando esta péssima multidão ousará falar mal de mim, na pessoa de meus filhos, dos cristãos remidos com meu Sangue?*» E por outra parte não aconteça também que um nosso irmão, em seu desconforto, amargurado pelas maledicências que o circundam, se veja obrigado a exclamar: *Os filhos de minha própria Mãe, a Congregação, se armaram para combater contra mim.*

Eu pelo contrário espero que se averigüe em cada um de vós o augúrio de S. João Crisólogo: «E' tal em nós a força do amor que tudo cobre, até os pecados». Arda a caridade no coração dos filhos de D. Bosco, dando a seus olhos a pureza celestial que ilumina o lado bom das coisas, movendo sua lingua a entoar o hino das palavras boas e concertar as harmonias do amor.

* * *

Mas, descendo ao particular, detenhamo-nos a examinar dois dos maiores escolhos que se opõem ao falar bem de todos: a critica e a murmuração.

A critica envenena as iniciativas e arrasta ao pessimismo.

A palavra em si não tem significação odiosa, pois segundo a etimologia, outra coisa não indica senão a arte de julgar, mediante a qual se busca e apura a verdade. Porém em sentido mais es-

tricto significa exame dos defeitos de uma obra; por isso na linguagem corrente passou a denotar a tendência mal sã de procurar e censurar as verdadeiras ou supostas faltas nas qualidades, costumes ou ações do próximo.

Tal inclinação não reprimida degenera em orgulhosa fatuidade, que leva um a ter ilusão de ter feito coisa útil, quando com o picão demolidor reduziu a frangalhos homens e coisas. Quem está atacado desta doença não pensa que, em lugar de abater e destruir, urge edificar. São Paulo nos recorda que a *caridade* é a virtude que *constrói*.

Com a máscara da ciência e da arte na ordem intelectual e artístico, e com a aparência do maior bem na ordem moral, tal crítica tudo ataca, de tudo discute, não respeita nada. Os dotes e ações dos indivíduos, súbditos ou Superiores, as ordens da obediência, as iniciativas dos irmãos, suas obras escritas ou efetuadas com fadigas e sacrifícios, o andamento das casas, o desenvolvimento e organização da nossa Sociedade, tudo, sem exceção e respeito, tudo deve passar através da peneira de tais críticos arvorados em juizes. Quem desse crédito á sua lingua envenenada não encontraria mais nada bom. Se aparecessem desses tais entre nós, veríamos que enquanto a Igreja e as Nações, o Papa e Governantes dos povos, os bons e ainda os que militam em outras filas tecem elogios á Congregação e fazem instâncias para que se comecem novas obras e se ampliem as já existentes, eles com seus olhos miopes e amarelentos por causa da crítica biliosa, outra coisa não saberiam descobrir senão defeitos e misérias.

O mal, porém, não ficaria só nêles. A desfaçatez com que falam, o veneno da acrimónia exerceu uma ação nefasta no espírito dos mais jovens e tímidos, especialmente dos novatinhos e inexpertos.

A crítica muita vez se torna mais perniciosa com a sátira, com o sarcasmo, com a palavra mordaz e o motejo, a maledicência mais cruel, como diz S. Francisco de Sales. E assim, incutindo temor, faz murchar a flôr de tantas iniciativas de zêlo que iam multiplicar o bem.

Depois, como muitas vezes acontece, o temor e o desânimo se comunicam e se tornam contagiosos, então sôbre uma casa se condensa a névoa do pessimismo, a qual pesa sobre cada um como manto de chumbo e paraliza sua ação benéfica.

Nós, formados na escola do Bemaventurado D. Bosco e no espírito de S. Francisco de Sales, somos e queremos ser serenos e constantes optimistas. E o somos não só por princípio, porque é ilimitada a nossa confiança em Deus e a convicção de que também o homem caído é capaz de, com o auxílio da graça, executar as mais maravilhosas obras, em o nome de Deus e para sua glória, mas também porque a experiência, e basta-nos a da nossa humilde Sociedade, nos ensina como foi grande e munífica a bondade divina para com os filhos de D. Bosco.

Um só olhar á florescência admirável das Obras Salesianas é suficiente para conservar-nos optimistas.

Não consegue a cegueira do crítico negar essa luz meridiana, o estridor de sua voz maléfica não póde abafar o hino de regozijo que dos quatro ângulos do orbe se ergue ao céu em louvor da Obra de nosso Pai, o qual quis seus filhos associados com seu triunfo. Curvemos os joelhos e gritemos: *Não a nós, Senhor, não a nós, mas a Ti toda a glória!*

Ninguém, portanto, dê ouvidos aos filhos desnaturados que ferem o coração da Congregação, nossa Mãe. Apartemo-nos corajosamente de qualquer que tentasse contagiar-nos com o prurido de reforma.

O Bem-aventurado D. Bosco, nosso Pai, deixou escrito nas «Memórias a seus filhos Salesianos»: «Façam-se todos os sacrificios possíveis, mas não se tolerem críticas contra os Superiores.

Não se censurem as ordens dadas em família, não se desaprovem as coisas ouvidas nas pregações, conferências escritas ou impressas, nem os livros de algum irmão. Cada um sofra para a maior glória de Deus e em penitência de seus pecados, mas, para bem de sua alma, fuja da crítica nas questões de administração, no hábito, na alimentação ou casa etc. Recordai, filhos caríssimos, que a união entre Directores e súbditos, o acôrdo entre os mesmos forma um verdadeiro Paraíso terrestre em nossas casas. Não vos recomendo penitências ou mortificações particulares. Adquirireis grande mérito e sereis a glória da Congregação se souberdes suportar reciprocamente as penas e desgostos da vida com resignação cristã». Até aqui o nosso Pai. Imaginemos que Ele desde o Céu ainda nos grite, como outróra S. Paulo aos Gálatas: *Se algum vos ensina alguma coisa menos conforme ao que vos tenho ensinado, seja anátema.*

* * *

A murmuração no conceito de nosso Bem-aventurado Pai era um dos pióres inimigos de uma casa, de toda a Congregação. Algumas vezes, ao falar sôbre ela, foram suas palavras interrompidas pelos soluços e truncadas pelo pranto.

Nas supracitadas «Memórias» consagra um capítulo aos «irmãos que moram numa mesma casa». Depois de ter dito que «todos os irmãos Salesianos que moram numa mesma casa, devem formar um coração só e uma só alma com o próprio Diretor», acrescenta: «Guardem bem na memória que a murmuração é a maior peste que se deve fugir».

Com muita razão foi a murmuração chamada um dos mais tremendos flagelos da sociedade, uma das mais nefastas pragas do gênero humano. O seu hálito pestífero tudo inficiona e esteriliza.

O Espírito Santo compara o *murmurador á serpente* — chama-lhe *ímpio*. Com razão, o murmurador não tem piedade nem com Deus que o criou e remiu, nem com aqueles que lhe estão unidos pelos vínculos de fraternidade espiritual ou de sangue. Deus o aponta para o ódio e execração dos homens e fulmina contra êle o raio dos prescritos: *Maldito!* Dir-se-ia que a Eterna Sabedoria foi procurar as maldições mais terríveis para ferir os pióres violadores da caridade. O próprio Deus toma a defesa do homem feito á sua imagem: Jesus Cristo estende o braço onipotente para escudar seu corpo místico.

O murmurador é o grande inimigo de Deus. «E' um verdadeiro demónio, e do demónio tem a lingua de fogo que tudo incinera», diz S. Jerónimo. «Esta vibora satânica, envenena três de uma vez, com um só hálito infernal: envenena a si mesmo, aquele com que murmura e aquele de que murmura». «Nada há mais abominável, horrendo e horrível: é a máxima torpeza», assim fala S. Bernardo.

E é clara a razão: O murmurador atacando a caridade ataca ao próprio Deus que é caridade.

Assim como Deus considera e premia como bem feito a si mesmo o bem que se faz ao menor de seus filhos, assim também condena e castiga o mal feito a qualquer dêles.

Isso explica as invectivas unânimes dos Padres e dos Santos contra êste «grande vício», contra «esta iniquidade», que, no dizer

de S. João Crisóstomo, «destrói a caridade, desfaz a unidade, põe em fuga a humildade, perturba a paz, gera rixas, fomenta discórdias, produz ódios, destrói toda santidade».

O murmurador, dizem êles, não só é homicida e fraticida, mas «um» matricida que dessangra e depois contamina com o fel do vitupério e da traição a própria Mãe que o gerou», assim o seráfico S. Boaventura. Êle não respeita nem vivos, nem defuntos. «Como a hiena, vai desenterrar os cadáveres para saciar a fome libidínosa, diz S. João Crisóstomo.

São canibais os murmuradores, insta o dôce S. Boaventura, repetindo sob outra forma o pensamento de S. João Crisóstomo, o qual dissera que «os murmuradores são mais execrands do que os antropófagos, porque dilaceram e devoram não o corpo, mas a alma». «Não respeitam ninguém, ajunta S. Bernardino, devoram todos». A quem comparar o desgraçado que, penetrando em um palácio não se dignasse de lançar sequer um olhar ás tapeçarias, pinturas, ao ouro, pedrarias e demais preciosidades, mas se afa- nasse, ao invés, em procurar o lixo e lá encontrasse todo o seu prazer, entre as ossadas pútridas? Para o murmurador nada são, nada significam as belezas morais e intelectuais de um indivíduo ou de uma comunidade! Êle só vai á procura do pequeno defeito, das inevitáveis fragilidades humanas para pô-las em evidência, para satisfazer a paixão de falar mal.

E' ainda S. Boaventura que, seguindo o exemplo de seu seráfico Pai, dá aos murmuradores o nome de «*cães de matadouro*», que têm o focinho asqueroso, porque sempre sujo de sangue.

* * *

Mas, ao menos, serão êles, os murmuradores, os cristãos mais virtuosos, os religiosos mais exemplares? Não, não! Dá-se o contrário. «Esta suma iniquidade, diz Sto. Anselmo, nasce sobretudo do ócio» e a experiência nos ensina que murmuração e ociosidade são dois desgraçados e inseparáveis companheiros.

O murmurador é estigmatizado com os epítetos de madraço, inativo, vagabundo. Sua impudência chega ao ponto de mofar até dos que devem tomar sôbre si a sua parte de trabalho. Está escrito, porém, que um dia «o mesmo Deus, Caridade infinita e Vindice

dela, *há de rir-se e mofar dos desgraçados que a conculcaram, quando forem arrastados á extrema ruína*».

Releva recordar aqui que se fazem réus da mesma culpa os que dão ouvidos ao murmurador. «Quem murmura, como quem, consentindo, ouve o murmurador comete o mesmo delito» — diz S. Beda. S. Boaventura nos adverte de que também nós ficaremos contaminados por seu hálito pestífero se não tivermos a coragem santa de tapar-lhes a bôca. *Não tenhas com os murmuradores familiaridade de espécie alguma*, grita a Eterna Sabedoria, *porque de improviso vem a sua perdição e quem poderá descrever a ruína de ambos?*

Essa e não outra é a obra do murmurador que altivamente se constitue reformador. Outra coisa não fará senão acumular escombros sôbre escombros. Depois de ter recordado aos cristãos de Corinto os castigos do povo hebreu, S. Paulo acrescenta: *Não murmureis, afim de que vos não aconteça o mesmo e tendes de morrer: estas coisas, continua êle, lhes aconteciam a êles para exemplo e foram escritas para escarmento de nós outros.*

Já são bastantes as nossas culpas passadas, não as agravemos com a murmuração, tornando-nos indignos de qualquér desculpa ou perdão.

* * *

Caríssimos filhos: Quis recordar-vos essas coisas não porque pense que a praga da murmuração haja contaminado as nossas casas, mas antes, afim de evitar que tal aconteça, e para que persevereis e cresçais naquela unanimidade que mereceu o soberano encômio do Vigário de Jesus Cristo e que constitue nossa força, nossa glória.

O Bem-aventurado D. Bosco, no sonho em que fala dos «quatro pregos» que atribulam as Famílias religiosas, viu em terceiro lugar aquele a que chama de «fatal» para as Congregações, isto é, os murmuradores, mexeriqueiros, aqueles que sempre procuram criticar a torto e a direito. E no outro sonho da «Filoxéra que é precisamente a murmuração, exposto e comentado por êle num encerramento de Exercícios, lemos o seguinte passo: «Os danos que produz essa filoxéra são incalculáveis. Nas casas mais florescentes faz, antes de tudo, diminuir a caridade entre os irmãos; depois o zêlo pela salvação das almas; produz, após o ócio; tira

todas as outras virtudes religiosas e, por fim, o escândalo faz com que essa casa se torne objeto de reprovação por parte de Deus e dos homens. Não é necessário que um dos depravados passe de um colégio para outro: basta o vento que sopra de longe. Foi essa a causa que levou á destruição certas Ordens religiosas».

As razões que moviam o Bem-aventurado D. Bosco a insistir sôbre êsse ponto militam também para seus sucessores. Em no tratar, como tendes visto, cuidei em nada pôr de meu, para não tirar a eficácia das palavras da Sagrada Escritura e dos Padres. Ouçamos-lhes a última exhortação:

«Deus nos deu a bôca e a lingua para louvá-lo e agradecer-lhe e para edificação do próximo». «Que se tu, em lugar de edificar, destrois, é melhor calares-te e nunca falar». «O rico vaso de tua bôca está destinado aos mais nobres usos: não o profanes aviltando-o nos serviços mais abjetos». Não te obstines depois em repetir que a bôca é a causa de todos os males, porque és tu que a tornas instrumento de perdição, com o mau uso que dela fazes. Eia pois, coragem: «do mesmo modo como sempre trazes contigo a chave de tua casa, traze também a de tua bôca».

«Quando houveres de falar, tem nos lábios o nome de Jesus, que constitue a tua glória e é teu alimento celeste. Seja tua vida um suspiro constante por Jesus Cristo, que te encha e inflame o coração e seja o teu pensamento assíduo, a tua mais doce palavra». E com Jesus ama e louva os seus e nossos irmãos.

* * *

Mas é tempo que da parte negativa passemos á positiva.

Nós não só não queremos falar mal, mas antes de tudo nos propomos a falar bem. «Cristão, procura habituar-te com as palavras boas», dizia S. Bernardo. «Tua lingua, acrescenta S. Jerônimo, só devia saber falar de Jesus Cristo e de coisas santas». *Sêde santos em todas as vossas conversas*, diz S. Pedro, *e vossas palavras sejam como as de Deus*. S. Paulo faz as mesmas recomendações aos cristãos de Corinto e Filipos. *Falai bem, a nossa conversação seja celeste, venha de Deus, seja feita á presença de Deus. Falai em Jesus Cristo e com Jesus Cristo*.

Não nos esqueçamos nunca de que a caridade é o distintivo dos discipulos de Jesus Cristo e portemo-nos de modo que também de nós se possa dizer aquilo que dos primeiros cristãos diziam os pagãos: «Vêde como se amam!»

Mas nós, além disso, somos religiosos. Não pertencemos mais á terra embora nela vivamos. Ora, diz S. João, *quem é da terra fala como homem terreno, quem, pelo contrario, vem do céu fala de coisas celestes*. Deveríamos nós também, em íntima união com Deus, poder dizer com Jesus: *As palavras que eu vos digo, não as digo de mim mesmo: mas o Pai, que está em mim, êsse é o que faz as obras*. Ajunte-se que o nosso primeiro dever como religiosos é de tender á perfeição; mas Sto. Alberto Magno nos afirma «que nunca jamais a conseguiremos se não soubermos moderar a lingua». De mais, a caridade, que constitue a essência da vida religiosa, não só é um conselho, mas um preceito.

Essa verdade devera ressoar com mais frequência em nossas conferências, exhortações, nas «bôas-noites» aos irmãos. Não haja temor de exagerar; quando fôr necessário, recordemos também nós, como S. João, a quem disse se queixasse: «E' êste o preceito de Deus e basta tão só a sua observância para tornar-nos perfeitos». Ajudar-nos-á a praticá-la o áureo conselho de Sto. Ambrósio: «A pessoa sábia, quando deve falar, pensa antes o que deve dizer, a quem o deve dizer, onde, quando e como».

* * *

Devemos em primeiro lugar dizer a palavra boa. A Sagrada Escritura inculca-a insistentemente: «*A bôa palavra sai do meu coração. A palavra veraz te sirva de guia. E' reta a palavra de Deus*. Não sem motivo na Sagrada Escritura se recorda a *palavra da fé, da paz da justiça, da salvação, a palavra doce, sã, irrepreensivel*.

Os Padres por seu turno, recomendam-nos a palavra verídica, util, tranquila, em suma, as palavras que, como as de Jesus, sejam *espírito e vida*. Se depois em vez de palavras bôas e edificantes, chegasse a nossos ouvidos algo que prejudique a *nosso próximo, morra em nós*.

Devemos além disso atentar com quem falamos, pois não se fala com todos da mesma maneira. Terás com o Superior confiança filial, com o irmão não te esqueças de que deves edificá-lo com a palavra e exemplo: com os meninos, seguindo as pérgadas de S. José de Calasanz, hás de lhes falar como se cada um deles fosse Jesus em pessoa; com outras pessoas usarás circunspeção cheia de dignidade, a qual é o escudo da caridade e da castidade.

* * *

Mais, há lugares, nos quais deve ser mais atenta a vigilância sobre nossas palavras. Cada um examinando a própria consciência já conhece quais sejam tais lugares. Limito-me a indicar um: o refeitório.

O bispo Possídio, que viveu cerca de quarenta anos com Sto. Agostinho e lhe escreveu a vida, diz que êsse grande Santo e Doutor, para combater a murmuração, «peste da convivência humana», tinha escrito na sala de jantar esta sentença: «Quem quiser, com as palavras, ver a vida dos ausentes, saiba que esta mesa não está posta para êle». Algumas vezes repreendeu severamente até alguns bispos, familiares seus, esquecidos do aviso, dizendo-lhes que ou cancelassem êsses versos, ou então êle se veria obrigado a deixar a mesa e trancar-se no quarto. Disso podemos prestar fé, eu e outros que comigo estavam presentes, diz o bispo Possídio. Grande proveito tirariamos também nós, se, não só no refeitório, mas em toda parte vissemos escrito em grandes caracteres e praticássemos aquele áureo conselho.

S. Bernardo recordava até ao Sumo Pontífice Eugênio IV que «é sempre útil a custódia da lingua, que deve ser refreada principalmente á mesa». Um episódio, uma graça, um chiste, tudo serve de plano inclinado para fazer-nos resvalar ao precipício da murmuração.

Os mesmos acontecimentos públicos nos podem fazer cair no terreno da política, a qual muita vez acalora, exalta, divide, rompe com a caridade e arrasta á formação de grupos e partidos.

Sabemos com quanta insistência o nosso bom Pai recomendava a seus filhos que se não occupassem com política. Dizia «que

era sua firme intenção que os Salesianos se conservassem sempre estranhos ás lutas políticas, pois o Senhor não nos chamou para isso, mas sim para os jovens pobres e abandonados». «A minha política, dizia a Pio IX, é a política de Vossa Santidade: é a política do *Pater Noster*».

A' imitação de nosso Bemaventurado Fundador, concorra cada um de nós para a grandeza da Pátria e melhoramento da Sociedade, consagrando as inergias á educação da juventude, plasmando cristãos fervorosos e cidadãos intemeratos.

Fieis a suas normas diretivas, respeitemos as Autoridades constituídas e evitemos apreciações e discussões que possam comprometer as obras a nós confiadas. Eis o que a tal propósito diz S. Francisco de Sales: E' costume criticar livremente os príncipes e falar mal de Nações inteiras, segundo as diversas opiniões que se têm a respeito dêles. Não cáias nessa falta que, sôbre ser ofensa de Deus, póde acarretar-nos gravíssimos incômodos.

Numa Congregação que, como a nossa, em nome de D. Bosco, recebe indivíduos de quasi todas as Nações, o conselho de S. Francisco de Sales tem importância urgente em qualquer tempo e lugar.

Para conservar-nos afastados de política D. Bosco aconselha-nos que não leiamos jornais. Certa vez repreendeu publicamente ao P. Durando, ao vê-lo no pórtico do Oratório, com um jornal na mão, rodeado de meninos. Isso ouvi de testemunha do fato.

«A leitura dos jornais, êle nos diz, tira aos estudos sérios grande parte do tempo, desvia a alma para muita coisa inútil, e acende as paixões políticas».

O pensamento de D. Bosco conserva ainda toda a sua fôrça, antes, tem hoje mais do que então, porque o grande número de jornais encarece a necessidade da observância dessa regra. Não entendendo tratar de propósito dêste argumento, mas, embora passando de relance, sinto a necessidade de vos dizer que se quisermos evitar entre nós *o reino dividido, o reino da desolação* de que fala o Redentor, devemos afastar todas as causas, e entre essas, não são as menos funestas, a leitura de jornais, os partidos e a política.

* * *

Também a recreação, ou melhor, as conversas durante a recreação, pódem tornar-se um escolho contra a caridade arrastar-nos

para a murmuração. Por quanto fôr possível, façamos nossos recreios com os meninos: será de vantagem para o corpo e para o espírito. Durante a conversação sigamos o conselho de S. João Crisóstomo: «Há alguém que fala mal? — Louva tu. Aqueloutro censura? — Tu, exalta».

Além disso é mistér evitar as questões. Diz S. Paulo a Timóteu, que *gastar palavras em contendas é coisa de todo inútil*. O nosso Fundador nos faz a mesma recomendação, pondo em relêvo as causas e tristes consequências das contendas. «Algumas vezes diz êle, por causa de bagatelas levantam-se certos contrastes que passam depois a discussões e injúrias, que rompem a união e ofendem a caridade em modo altamente deplorável». Durante as recreações há ainda perigo de nos saírmos com facécias e argúcias que facilmente degeneram em burla e zombarias contrárias á caridade. Faz aqui o conselho de nosso Bemaventurado Pai: «Guardai-vos de exarcerbar algum irmão, embora o façais por brincadeira. Brincadeiras que desagradam e ofendem ao próximo são contra a caridade. Gostariéis de ser escarnecidos e postos em ridículo deante dos outros, como fazeis com vosso irmão?»

Nota S. Francisco de Sales que «o espírito de zombaria é uma das pióres disposições da alma. Deus odeia á morte êsse vício, e por vezes o puniu com castigos extraordinários. Nada tão contrario á caridade, e mais ainda, á devoção como a pouca estima e desprezo do próximo. Não há burla e zombaria sem escárneo. E' portanto um gravíssimo pecado e os doutores têm razão de dizer que a burla é a piór ofensa que se póde fazer ao próximo com palavras, pois que as demais ofensas ordinariamente se fazem com alguma estima para com o ofendido, ao passo que a esta sempre acompanha o vilipêndio».

* * *

Quando devemos falar?

O Eclesiástico diz que o *homem sábio se calará até ao momento oportuno*. O Profeta pedia ao Senhor, *pusesse uma guarda a sua bôca e uma porta de circunvalação a seus lábios*. Jesus, Sabedoria infinita, calava-se deante de Pilatos, entretanto que alguém, talvez, podia pensar que então principalmente devera fazer uso de

eloquência fulminante para defender-se, pois se tratava de vida ou de morte.

Que diferença entre os juízos de Deus e os dos homens!

Sigamos a áurea regra de S. Francisco de Sales: «Fale-se sempre que o exigir a caridade», não para fazer ostentação de cultura, não para vã exhibição, menos ainda para pôr em ridículo ou criticar o próximo, mas só e sempre por caridade e bom exemplo.

«E' verdadeiramente sábio, diz S. Bernardo, aquele que sabe falar a tempo». Peçamos a Deus essa sabedoria.

* * *

Por fim, como devemos falar?

S. Bernardo, querendo pôr-nos de sobreaviso, adverte-nos que «a língua não conhece medida»: por isso quer que «nossas palavras além de raras e verdadeiras, sejam ponderadas». *A língua enganadora e dolosa*, como diz o Profeta, *tem as palavras da precipitação*, isto é, *da mentira e ruína*. Pelo contrário, a palavra comedida, a modo de chuva benéfica, é sempre fecunda de bem.

S. Francisco de Sales, depois de nos exortar a ver Deus em todos e todos em Deus, quer que «nossa conversa seja doce, franca, simples, sincera, natural e veraz, como se faláramos com Jesus». Ele estava convencido, e não se cansava de repetir que «o espírito de doçura é o verdadeiro espírito cristão». Por essa razão não queria palavras ásperas, sombrias, agitadas, insulsas. Dêle se pôde escrever que seu falar era sério e cheio de caridade, mas ao mesmo tempo o mais humilde, doce e afável que já se ouviu.

O mesmo podemos dizer do nosso Bemaventurado D. Bosco. Eis palavras suas: «Na fala e no trato usai doçura não só com os Superiores, mas com todos, maxime com os que no passado vos ofenderam, ou que presentemente vos vêm com maus olhos». S. Bernardo exorta-nos a que nos recolhamos num amor silencioso, antes que turbemos o irmão com clamores descompostos».

Se havemos de cair num excesso, dizia ainda o nosso Patrono, seja o da gentileza. Quem te diz uma verdade com cortesia te atira rosas ao rosto. Como resistir a um inimigo armado sómente de pérolas e diamantes?»

O Pe. Faber dizia que as palavras boas são «a musica celeste dêste mundo». Queira Deus que tal música alegre perenemente to-

das as nossas casas, e se difunda sob todos os céus com atração irresistível na conquista dos corações. *A palavra doce multiplica os amigos*, diz o Eclesiástico. «A mansidão é o meio mais eficaz para atrair as almas». Com a caridade e suavidade inalterável de sua palavra S. Francisco de Sales conquistou para Deus o Chablais. E' sempre verdade que *os mansos se tornam senhores dos corações*.

Além disso deve estar afastado de nossas conversações tudo o que, de alguma forma, seja desagradável ao próximo. Evitemos, por conseguinte, falar de nós mesmos, nem para bem, nem para mal, porque, como disse Fénelon, «falando mal de nós parece que estamos a convidar os outros para que digam bem quasi que forçadamente». Não devemos nos obstinar em defender nosso parecer. Quando na conversa há pessoas mais idosas e constituídas em dignidade, fiquemo-nos a escutar. Assim como é inconveniente interromper a conversa dos outros, assim também *é próprio de estulto responder antes de ter entendido*, diz o Eclesiástico.

Direis que tudo isso são normas de boa educação, não de caridade. Adverte, porém, Bossuet que «a civilidade é a fina flôr da caridade, a qual, depois de ter enchido o interior expande exteriormente uma graça espontânea e um sentimento de cordialidade comedida, a respirar a mais sincera afeição».

* * *

Se quizermos sintetizar numa só frase o que até este ponto vimos expondo, podemos dizer que as nossas palavras são boas, e falamos bem de todos, quando de nossos lábios sai a palavra de Deus.

De Deus é o sôpro que nos anima. De Deus a imagem que nos brilha no semblante. *Em Deus vivemos, nos movemos e existimos*. Somos seus *templos vivos*. E' justo, por conseguinte, que nós principalmente, que temos a missão de continuar a obra redentora de Jesus e pregar sua doutrina, tenhamos seus pensamentos, afetos e palavras. Somos e devemos ser Apóstolos, sempre, em toda parte, com todos.

Parta, pois, suave, animadora, de nossos labios, a palavra de Deus, a palavra que O faz nascer nas mentes e nos corações. E de Deus serão todas as nossas palavras se inspiradas sempre na caridade.

Sto. Agostinho dirigiu um dia aos cristãos de Hipona esta pergunta: Dizei-me: — Que é maior? O corpo de Jesus Christo ou a palavra de Deus?» E acrescentava: «Se quereis responder-me com acêrto, deveis dizer que a palavra de Deus não é menos importante que o Corpo de Cristo, pois a palavra de Deus faz nascer Jesus nos corações».

Aí está, caríssimos filhos, um apostolado que todos, sem exceção alguma, podemos exercer. Eu vo-lo auguro longo e fecundo!

* * *

FAZER BEM A TODOS

«A força da palavra é a ação», diz S. Bernardo. «Recorda-te, escreve êle ao abade Balduino, recorda-te de dar a tua voz a voz da virtude. — De que modo? — perguntarás. — Procurando que tuas ações estejam em harmonia com as palavras, ou melhor, estas com aquelas, esforçando-te por fazer antes o que vais ensinar». «Falai mais com fatos do que com palavras», diz Sto. Agostinho.

Assim mesmo fez o nosso Divino Salvador, do qual, nos *Atos dos Apóstolos*, não só se diz que começou a fazer e a ensinar, mas que viveu *fazendo o bem*. Façamos de modo que a cada um de nós, como já ao Bemaventurado D. Bosco, se possam aplicar as mesmas palavras.

Isso é o que nos inculca a última recomendação da *Estréa*: *fazer bem a todos*.

* * *

Antes de tudo o mais, devemos fazer, isto é, trabalhar.

O nosso bom Pai, no leito de morte, repetiu três vezes a seus filhos: «trabalho, trabalho, trabalho». Essa palavra, que foi o programma constante de sua vida, nô-la quis deixar como herança preciosa. Ao doutor Combal que lhe recomendava o repouso para prolongar os seus dias, respondeu: «E' o único remédio que não posso tomar. Até que me reste um fio de vida quero consumi-lo em prôl dos moços».

Os exemplos paternos sejam a todo momento luz e estímulo para os filhos.

Também nós fomos chamados a excelsa missão de *Coadju-tores de Deus*. Devemos por isso continuar suas obras:

Eis, diz Ele, que eu crio novos céus e nova terra. Quais são essas novas criações? S. Paulo no-las indica: *Se algum está em Cristo é uma nova criatura: passou o que era velho, notai que tudo se fez novo.* Essas são as novas criações, em que devemos cooperar. O mesmo Apóstolo, escrevendo aos Gálatas lhes chama com o carinhoso nome de *filhinhos* seus, considerando-os tais, por lhes haver comunicado a vida de Jesus Cristo. E' esta a nossa missão: Fazer que Jesus nasça em nós e nas almas: êsse é o nosso nobilíssimo trabalho.

E se por ventura os novos céus, de que fala Isaias se obscurassem um dia, e a terra nova ficasse como a primeira, manchada pelo pecado então também devemos ser os coadjutores de Deus em sua obra Redentora.

Quantas almas gemem inda hoje no êrro e na culpa! Os seus gemidos chegaram, nas asas dos anjos, até ao coração de Deus, o qual quer que os seus sacerdotes e religiosos, e entre êstes também os humildes filhos de D. Bosco, corram, como Moisés, a salvar o seu povo. Não nos turbemos ao considerar a nossa pouquidade. A nós também diz o Omnipotente: *Eu estarei contigo.* De mais a mais adverte-nos S. Paulo que *«as coisas que há loucas no mundo escolheu Deus para confundir os sábios; e as coisas fracas do mundo escolheu Deus para confundir as fortes: e as coisas vis e desprezíveis do mundo, e aquelas que não são, para destruir as que são, para que nenhum homem se glorie na presença dêle.*

Quantas admiráveis criações, quantas estupendas redensões foram por nosso Bem-aventurado Pai levadas a cabo!

Se desde a sacristia da Igreja de S. Francisco de Assis, onde em 8 de dezembro de 1841, Ele iniciou sua Obra, deitarmos hoje os olhares pela face da terra, para contemplar o trabalho multi-forme de seus filhos, em todas as plagas, sob todos os céus, o espetáculo que se nos apresenta é tão grandioso e consolador, que nos faz exclamar com o Profeta: *No Senhor está a misericórdia e nêle há copiosa redenção.*

* * *

Coadjuutores de Deus, a Ele devemos consagrar todas as nossas energias, generosamente, sempre, sem reserva.

O trabalho é o exercício da atividade humana. No universo, tudo é trabalho incessante. *O homem nasce para trabalhar, como o pássaro para voar.*

O primeiro Adão, embora no estado de inocência, foi colocado *no paraíso de delícias para trabalhá-lo*. O segundo Adão, Jesus Cristo, que veio para *instaurar todas as coisas*, quis santificar o trabalho com o contacto de suas divinas mãos. Os discípulos, na esteira do Mestre, consumiram a existência num apostolado que não conheceu repouso. S. Paulo, enquanto exhorta Timóteu a *trabalhar indefessamente*, pôde dizer de si *que trabalhou mais que todos, até aos grilhões*.

As páginas admiráveis da história da Igreja, das vidas dos Santos e Fundadores de Ordens e Institutos religiosos constituem esplêndida apologia do trabalho. «Trabalhemos, trabalhemos sempre, dizia D. Bosco a seus filhos, porque lá em cima gozaremos de eterno repouso». Entre as lembranças da sua primeira Missa encontramos também este: «O trabalho é uma arma poderosa contra os inimigos da alma; por isso não concederei a meu corpo mais de cinco horas de sono por noite. Durante o dia, especialmente depois das refeições, não tomarei repouso».

Costumava repetir frequentemente: «Como quereis que eu descanse enquanto o demonio trabalha? Dêsse eu embora a vida, não faria senão meu puro dever». Parecia que o trabalho lhe era um prazer. «Concedeu-me Deus a graça de que o trabalho e a fadiga em vez de serem para mim um pêso, me proporcionem sempre recreação e alívio».

Nas «Memórias» lêem-se estas palavras: «Quando se dêr que um Salesiano sucumba e cesse de viver no trabalho pelas almas, então podeis dizer que a nossa Congregação alcançou um grande triunfo e sobre ela descerão copiosas as bênçãos do Céu».

O dia em que pudéssemos ler colecionados num volume os admiráveis exemplos de operosidade incansável, que D. Bosco e tantos filhos seus nos deixaram, teríamos sob nossos olhos não só um magnífico argumento de edificação, mas um estímulo poderoso

para multiplicar nossas obras de zêlo. Ao revés, como seria triste se dizer que um filho de D. Bosco não trabalha, mas perde indolentemente o tempo em conversas inúteis, em visitas, passeios, leituras, curiosidades perigosas!

* * *

Foi com razão comparada a ociosidade com o *mar morto*, com a *sepultura* do homem vivo, com a *estultícia*, com a *carestia*, *viveiro* onde germinam todos os vícios. Pois bem, quem de nós não sente confranger-se-lhe o coração só ao pensar que uma Casa Salesiana possa vêr-se um dia reduzida a um lodaçal de águas pútridas, ao campo do preguiçoso infestado de abrolhos e ervas daninhas? Enquanto D. Bosco desde o Céu continua a bradar: *Almas, dai-me almas!* haverá filho seu que desperdice êsse *tempo tão breve* e «tão precioso quanto o Sangue de Jesus Cristo, quanto o próprio Deus?»

Dizia Lacordaire: «Quando se póde lêr Davi, S. Paulo, Sto. Agostinho, Santa Teresa, Bossuet, Pascal e outros, é pecado perder o tempo nas tolas levandades de uma sala». E nós podemos acrescentar que se agrava sem medida o pecado quando quem perde tempo é um religioso, é um Salesiano que se consagrou a Deus, com a promessa de empregar todas as suas energias na salvação das almas. E a caridade não nos põe diante êsses milhões e milhões de irmãos nossos, que, do lamaçal da culpa ou das trevas do êrro, pedem socorro por intermédio de seus Anjos custódios? D. Bosco chorava ao examinar a carta geográfica da Ásia.

Oxalá não aconteça que algum Sucessor de D. Bosco deva dirigir a um de seus filhos as palavras que S. Paulo escreveu outróra aos cristãos de Tessalonica: «*Temos ouvido que andam alguns entre vós inquietos, que nada fazem, senão indagar o que lhes não importam.*»

Sigamos o conselho do mesmo Apóstolo que diz: «E vós, irmãos, *não vos canseis nunca de fazer bem.*»

«E' preciso trabalhar, dizia D. Bosco, como se nunca de-vêssemos morrer».

* * *

Mas qual será o bem que devemos fazer? — Aquele que nos é indicado pela obediência.

Não é minha intenção entrar neste vastíssimo argumento. Limito-me a dizer-vos que fazemos bem quando cumprimos o nosso dever. Se pretendermos dedicar-nos a trabalhos que se acomodam com nosso gênio, a obras em si boas, mas de nossa escolha, é para temer que a nós se possa aplicar aquilo de S. Bernardo: Muitas vezes aqueles que parecem fazer mais, agem menos retamente».

Conservemos na lembrança que, como bem disse Manzoni, «não há deveres ignóbeis» porque são nem mais nem menos do que a expressão da vontade divina.

«Além disso, observa Tomaseo, não se cumpre o dever se não se faz mais do que o dever». Do mesmo modo como, segundo S. Bernardo, «não é bom senão aquele que se esforça por ser o melhor».

A tal «legalidade» é palavra que nunca deveria receber acolhida nas famílias religiosas. É o farisaísmo que tudo enregela e esteriliza. O bem quer ser feito com ardor e generosidade.

* * *

Sto. Agostinho diz que não só «se deve considerar o que faz o homem, mas ainda e principalmente com que vontade e intenção o faz». «As ações dos homens a gente as conhece examinando a raiz da caridade, porque também as flores têm seus espinhos». «Esforcemo-nos muito embora por agradar a todos em todas as coisas, mas sobretudo Àquele que entre todos é o máximo».

«A intenção é que faz boa a ação», «que lhe dá a côr», diz S. Bernardo. «Trabalhemos neste mundo, mas não com o espírito do mundo». Não procuremos a nossa glória; não trabalhemos para pôr-nos em evidência, para receber aprovação ou aplausos dos homens; do contrário, teremos trabalhado em vão, teremos semeado ao vento, e nossa paga tremenda será a de que fala Sto. Agostinho: «A vãos, vaidade». De mais não é verdade que também a soberba sabe às vezes fazer até obras de caridade? «Por isso, se sobre elas queres fazer juízo reto, diz o mesmo Santo, não pares na florescência, nas aparências, mas desce ao coração. Se nele arde a chama da caridade, podes estar certo que só lançará vergônteas de boas obras». Por isso ele repetia com insistência: «Ama e faze o que quiseres».

* * *

Depois, o bem deve ser feito bem. «Os bons devem ser bons inteiramente», diz Sto. Agostinho, por isso sempre e em tudo. O bem, para ser tal, deve ser completo e íntegro: uma falha o torna defeituoso.

Por conseguinte façamo-lo com bondade, graça e bons modos. «O' insensata soberba, ó estultícia suma! — dizia Sêneca, — de ti nada convém receber, pois, convertes em injúrias os mesmos benefícios e envenenas tudo quanto dás».

Quando se nos oferece ocasião de fazer um benefício, façamo-lo imediatamente, recordando que o Senhor, que recebe o bem feito a nosso irmão, *ama o alegre dador*.

«Quem dá logo dá duas vezes», diz o provérbio. O benefício quasi arrancado á força deixa um sentimento de desgosto naquêle que o faz e naquêle que o recebe. E, depois, estar recordando a cada passo, e quasi lançando em rosto ao irmão o benefício feito, equivale a envenenar o mesmo benefício.

Idêntica ou maior bondade devemos usar quando estamos na impossibilidade de fazer o benefício. Neste caso, longe de usar modos ásperos e sêcos, é mistér explicar a razão e o desgosto da recusa, como também a alegria que experimentaremos, logo que nos fôr possível concedê-lo.

«A cortesia, diz Graciano, preencha o lugar do favor não concedido, e a doçura das palavras supra a falta dos bons efeitos». Um *não* de uns agrada mais do que um *sim* de outros, porque o *não* temperado com a civilidade, agrada mais do que o *sim* estragado por modos grosseiros. A caridade sabe e deve perfumar tudo com celeste fragrância.

* * *

Finalmente, o bem deve ser feito com constância.

S. Paulo escrevia aos Gálatas: *Não nos cansemos de fazer bem, porque a seu tempo segaremos, se não desfalecermos. Estai firmes*, dizia aos Coríntios, *sêde constantes, crescendo sempre na obra do Senhor, sabendo que o vosso trabalho não é vão no Senhor*.

Consolem-vos as palavras da Sabedoria: «E' glorioso o fruto das fadigas generosas; Deus deu aos justos a devida paga. Eles

não trabalharam em vão: cada um receberá o galardão segundo o próprio trabalho.

O exemplo de nosso Bem-aventurado Pai, que não conheceu repouso e morreu na brecha, nos estimule e torne dignos dêle também neste ponto.

* * *

Por último, devemos praticar o bem com todos sem exceção.

Diz o Salvador: *Se amais só os que nos amam, que recompensa haveis de ter? Não fazem os publicanos também o mesmo? E se vós saudardes sómente aos vossos irmãos, que fazeis nisso de especial? Não fazem também assim os gentios? S. Paulo escrevia que devemos não só promover o bem reciprocamente e para com todos, mas é dever nosso vencer o mal com o bem.*

A vida de Comunidade e o exercício do nosso apostolado nos oferecem frequentes ocasiões para isso. Lembremo-nos muitas vezes das palavras que nos serão ditas no dia do juízo final: *Na verdade vos digo, que quantas vezes vós fizestes isso a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim é que o fizestes.*

Aí está a razão por que Sto. Agostinho dizia: «Não penses que uma coisa é Deus e outra, filho de Deus».

Que pensamento consolador! A cortesia, o pequeno favor, o auxílio que presto a meu irmão, a caridade, a obra de misericórdia praticada entre os meninos, no ministério sacerdotal, nos Oratórios Festivos, nas Missões, entre os infelizes leprosos talvez, a tudo premiará Deus como feito a si mesmo. Para facilitar-nos o exercício da caridade, Ele se quis esconder debaixo das misérias humanas, sob todas as imperfeições, sob o pecado até. Quis fazer-se objeto, o último dos homens, o homem de dores, tomar sobre si não só as nossas fraquezas, mas ainda os nossos pecados. Aonde quer corramos em socorro do próximo, toda vez que nos inclinarmos para aplicar o bálsamo em alguma ferida, ou dermos a mão ao que caiu, ou enxugarmos as lágrimas do pobre abandonado, ou fizermos brilhar a luz da fé e da verdade na mente ofuscada do pagão ou do irmão transviado, em toda a parte e sempre encontraremos a Jesus que nos repete: *Aquilo que fizeste ao último dentre teus irmãos a mim é que o fizeste*, eu te darei ampla recompensa.

Com êste pensamento, com esta visão celeste que fascina e estimula a mente, será fácil vencer as diferenças de humor e de caráter, as antipatias, os defeitos, as intemperanças, as grosserias, as mesmas ofensas, as calúnias, as perseguições. Sim, tudo sabe vencer a caridade, porque sempre vê a Jesus vivente na pessoa de cada um de nossos irmãos.

Coragem pois, filhos caríssimos. Ouçamos uma vez ainda a voz santamente excitadora do Apóstolo que nos préga: *Enquanto temos tempo e ocasião façamos bem a todos.*

*
* *

A todos, portanto também a nós, a cada um de nós: «Não é sábio, diz S. Bernardo, senão aquele que o é também para si». Não pratica retamente a caridade quem a não exercita consigo mesmo. O mesmo Santo nos põe de sobreaviso contra o falso zêlo que nos torna esquecidos de nós mesmos. «Tu que a todos distribues a agua da vida, porque dela não bebes?» Entre as almas que queres salvar, a tua deve estar em primeiro lugar.

Que será de tua alma se, para fazer bem aos outros descuras as tuas práticas de piedade, não vives a vida de comunidade, és desleixado até nos teus deveres sacerdotais? S. Bernardo levantava a voz contra êsse devotamento suicida que, esvaziando-nos da graça de Deus, põe em perigo a nossa alma. Toda essa operosidade aparente ficará reduzida a uma teia de aranha que se desfaz. O verdadeiro zêlo portanto, deve em primeiro lugar abraçar a nós mesmo. Ele deve robustecer-se perenemente no recolhimento, na piedade, na união com Deus.

* * *

Perdoai-me, filhos caríssimos, se vos prendi a atenção por tanto tempo. Ao falar-vos, parecia-me ter-vos em derredor de mim e me era sobremaneira agradável inculcar-vos a prática da caridade, enquanto ela docemente nos unia em o nome e espírito do nosso Bem-aventurado Pai D. Bosco.

Sinto eu também a necessidade de repetir-vos as palavras de Sto. Agostinho: «Irmãos, eu não me canso de falar-vos da caridade, em nome de Cristo», «porquanto é ela a margarita de grande

valor, sem a qual nada temos, ao passo que com ela somos donos de tudo».

De todas as partes me chegam agradecimentos pela *Estréa* e promessas de querer praticá-la fielmente. Sei que a caridade está viva nos corações e florescente nas ações. Rendo graças ao Senhor e vos repito as recomendações de D. Bosco: «Praticai-a, pois, e recebereis copiosas bênçãos do Céu». Não basta, porém, temos tecido o elogio da virtude: «Nenhum valor teriam as folhas do louvor se a caridade não produzisse em nós os frutos das obras» — diz Sto. Agostinho.

«Exercitemo-nos, portanto, nas suas múltiplas manifestações, para reacendê-la se mistér fôr, mas sobretudo para aumentá-la em nossos corações».

* * *

Filhos do mesmo Pai, cuja imagem brilha em nossos rostos, nascidos para o mesmo fim, membros do mesmo Corpo místico, iluminados da mesma fé, alentados da mesma esperança, inflamados da mesma caridade, alimentados com o mesmo Pão, crescidos no grêmio da mesma Igreja, arregimentados sob os vexilos da mesma Sociedade, pelo mesmo amor nos devemos sentir inflamados e impelidos nas mais nobres conquistas.

Longe de nós tudo aquilo que nos possa pôr obstáculo á caridade ou esfriá-la.

Não haja, portanto, *nem morte, nem vida, nem anjos, nem principados, nem virtudes, nem coisas presentes, nem futuras, nem violência, nem a altura, nem a profundidade, nem outra criatura alguma que nos possa apartar do amor de Deus em Jesus Cristo Senhor Nosso.*

Coragem, filhos caríssimos, continuarei a dizer-vos com S. Paulo: *Não desfaleçais nas minhas tribulações por vós outros, pois que elas são a nossa glória. Por esta causa dobro eu os meus joelhos diante do Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, do qual toda a família toma nome nos céus e na terra, afim de que, segundo as riquezas da sua glória, vos conceda que sejais corroborados em virtude, pelo seu Espírito, no homem interior, para que Cristo habite pela fé nos nossos corações. Para que vós, arraigados e fundados em caridade, possais compreender com todos os Santos, qual seja*

a largura, e o comprimento, e a altura e a profundidade, e conhecer também a caridade de Cristo, que excede todo o entendimento, afim de que sejais cheios segundo toda a plenitude de Deus... Ai tendes entranhas de compaixão, fazei completo o meu gozo, com a nossa concórdia, tendo uma mesma caridade, uma mesma alma, um mesmo pensar.

Nada façais por porfia, nem por vanglória, mas com humildade, tendo cada um aos outros por superiores. Não atenda cada um só ás coisas que são suas próprias, senão também ás dos outros. Tende entre vós o mesmo sentimento que houve também em Jesus Cristo.

Crescei no amor da fraternidade, e essa comunhão de amor faça cada vez mais fecundo o nosso apostolado da salvação das almas, em nome e com o espírito do Pai, para Glória de Deus, Caridade infinita.

Abençôa-vos de coração o vosso muito afeiçoado in J. C.

Padre Pedro Ricaldone
